

A RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE *PALAVRAS DE PÓRTICO* E *OS ARGONAUTAS*

THE DIALOGIC RELATION BETWEEN “*PALAVRAS DE PÓRTICO*” AND “*OS ARGONAUTAS*”

Rosalia Perrucci Fiorin¹

RESUMO: Em 1969 é lançada a canção *Os Argonautas*, composta e interpretada por Caetano Veloso. Ao ouvirmos o refrão da canção, remetemo-nos diretamente ao poema de Fernando Pessoa, *Palavras de Pórtico*, uma vez que o cantor reproduz a frase “Navegar é preciso, viver não é preciso”. De acordo com Bakhtin a língua, em sua totalidade, tem a propriedade de ser dialógica, pois “em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa” (BAKHTIN, 1988, p. 88). Nesta direção, o presente artigo pretende estabelecer, por meio da teoria bakhtiniana, as relações dialógicas entre o poema de Fernando Pessoa, *Palavras de Pórtico*, e a canção de Caetano Veloso, *Os Argonautas*. Para tanto, procura-se analisar o que o hipertexto acrescenta, subtrai, desloca e inverte do texto pessoano, para, assim, apreendermos a construção de uma concepção de mundo diferenciada da apresentada pelo hipotexto.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo, intertextualidade, paródia

ABSTRACT: The song *Os “Argonautas”*, which was composed and interpreted by Caetano Veloso, was launched in 1969. When we hearing the chorus of this song, we conduct our mind to Fernando Pessoa’s poem, “*Palavras de Pórtico*”, since the singer reproduces the phrase “To sail is necessary, to live is not necessary”. According to Bakhtin, the language, in its totality, is dialogic, because every discourse finds a discourse mentioned by someone and creates with it a live and tense interaction. Therefore, focus on Bakhtin theory, this article intends to establish the dialogism between Fernando Pessoa’s poem, “*Palavras de Pórtico*”, and Caetano Veloso’s song, “*Os Argonautas*”. Hence, it will analyze what the hypertext adds, subtracts, dislocates and inverts of Pessoa’s poem, in order to apprehend the construction of a world conception differentiated from the conception found in the hypotext.

KEY-WORDS: dialogism, intertextuality, parody

¹ Aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (rosaliafiorin@hotmail.com).

INTRODUÇÃO

O enunciador, ao manifestar-se, leva em consideração o enunciado de outrem, deixando ressoar marcas do discurso alheio em seu próprio discurso. Portanto, o enunciado é uma espécie de réplica a outro enunciado, em que é possível ouvir, pelo menos, a presença de duas vozes. Assim, Mikhail Bakhtin, teórico russo, ao enfatizar que todo discurso é dialógico, nos apresenta com o conceito de dialogismo, princípio unificador de sua obra, como bem menciona Fiorin (2006, p.18).

No ano de 1969, Caetano Veloso, referência da MPB (Música Popular Brasileira), lança o disco intitulado *Caetano Veloso*, onde está inserida a música, composta por ele, *Os Argonautas*. Ao ouvirmos o refrão da canção, remetemo-nos diretamente à nota solta e não assinada escrita por Fernando Pessoa, *Palavras de Pórtico*, uma vez que o cantor reproduz a frase “Navegar é preciso, viver não é preciso” e no final da canção a interpreta com sotaque típico de Portugal. A melodia une as cordas do bandolim com as do violão construindo o fado português.

Há, portanto, um elo entre *Palavras de Pórtico* e *Os Argonautas*, um entrecruzamento de vozes, em que a voz do “imitado” e a voz do que “imita” estão presentes e diluídas uma na outra. Neste caso, recorrendo aos ensinamentos de Fiorin (2006, p. 32-33), o dialogismo é uma forma composicional, por se tratar de maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso. Isso é o que Bakhtin denominou de concepção estreita de dialogismo, com a pretensão de revelar que ele (o dialogismo) é o modo de funcionamento real da linguagem, sendo o próprio modo de constituição do enunciado. Afinal,

por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo), por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema, ainda que esse caráter de resposta não receba uma expressão externa bem perceptível. (BAKHTIN, 1997, p. 317)

A proposta deste estudo visa apontar, por meio da teoria bakhtiniana, as relações dialógicas entre a nota de Fernando Pessoa e a letra escrita por Caetano Veloso. Destarte,

aguça a nossa curiosidade perceber o que o hipertexto subtrai, acrescenta, desloca e inverte do hipotexto, a ponto de construir uma visão de mundo própria e distinta.

O DIÁLOGO ENTRE *PALAVRAS DE PÓRTICO* E *OS ARGONAUTAS*

Para darmos sustentação às afirmações que serão apresentadas a seguir, reproduziremos abaixo a nota *Palavras de Pórtico* e a canção *Os Argonautas*:

Palavras de Pórtico²

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: "Navegar é preciso; viver não é preciso."

*Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que sou:
Viver não é preciso; o que é necessário é criar.*

*Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que
para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.*

*Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como
minha.*

*Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o
propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.*

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Os Argonautas

O barco, meu coração não agüenta

Tanta tormenta, alegria

Meu coração não contenta

O dia, o marco, meu coração

O porto, não

Navegar é preciso (2x)

Viver não é preciso

O barco, noite no céu tão bonito

Sorriso solto, perdido

Horizonte, madrugada

O riso, o arco da madrugada

O porto, nada

Navegar é preciso (2x)

Viver não é preciso

O barco, o automóvel brilhante

O trilho solto, o barulho

Do meu dente em tua veia

O sangue, o charco, barulho lento

O porto, silêncio

² “Palavras de Pórtico”, título dado por Maria Aliete Galhoz a esse fragmento, com que abre a sua introdução “Fernando Pessoa, Encontro de Poesia” à Obra Poética de Fernando Pessoa, pela Ed. Aguilar (da 1ª a 7ª edições).

Navegar é preciso (6x)
Viver não é preciso

Fernando Pessoa inicia a sua nota citando, entre aspas, a frase expressa por Pompeu, general romano que viveu entre 106-48 a.C. (cf. Plutarco, in Vida de Pompeu), dita aos capitães dos navios que se sentiram receosos de embarcarem em meio a uma tempestade. Assim, Pompeu subiu a bordo dando ordem para erguerem a âncora, e com um alto tom de voz disse: “Navigare necesse; vivere non est necesse”. Com sua audácia, ele incentivou os navegadores a enfrentar o mar, cobrindo-o de navios. Vale ressaltar que embora Plutarco tenha escrito a frase em grego, a sua forma eternizada é escrita em latim (MORENO, 2007).

Caetano Veloso, em sua canção, incorpora do hipotexto a frase “Navegar é preciso, viver não é preciso”. Essa relação dialógica materializada denomina-se intertextualidade. Este vocábulo fora “introduzido como pertencente ao universo bakhtiniano por Julia Kristeva, em sua apresentação de Bakhtin na França, publicada em 1967 na revista *Critique*” (FIORIN, 2006, p. 51). Tem-se, portanto, na canção uma intertextualidade por citação, pelo fato de o hipertexto citar explicitamente fragmentos do texto-matriz.

Para fazer com que nós, apreciadores de sua música, viajássemos por meio dos mares desbravados pelos descobridores lusos, Caetano Veloso suprimiu o seu eu verdadeiro e incorpora os sentimentos de um navegador. Para tanto, não encontraremos nessa canção um eu poético que revele os reais sentimentos do compositor, como ocorre no hipotexto.

Fernando Pessoa claramente evidencia o seu desejo de doar-se ao universo da criação, conforme podemos constatar a partir do segundo parágrafo, em que o eu poético manifesta um querer ser dominado pelo “espírito desta frase”, redigindo-a da seguinte maneira: “Viver não é necessário; o que é necessário é criar”. Pessoa ao citá-la, inverte sua ordem, fazendo uma adaptação para inserir o seu sentimento próprio. Dessa maneira, percebemos a sua entrega à arte poética, tratando-se de uma opção de vida assumida de forma consciente. A fim de atingir o intento de tornar a sua vida grande, o poeta coloca-se inteiramente à disposição de um sacrifício próprio: “ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo”. Após essa frase, notamos nos parágrafos quarto e quinto, uma atitude universalista, por intencional perder-se individualmente para ter-se ao todo. Esses fragmentos da nota em análise nos revelam um sentimento “altruísta”, isto é, o eu em função do engrandecimento da pátria e da contribuição para a evolução da humanidade.

Ao camuflar-se de navegador, Caetano acrescenta ao hipertexto um campo lexical marítimo composto por argonautas, barco, tormenta, porto, trazendo à tona a época referente às grandes navegações.

Como acréscimos, encontramos, também, a sínquise – figura de sintaxe que expressa uma inversão violenta de distantes partes da frase, capaz de proporcionar mais de uma leitura, como pode ser observado nos versos selecionados: “O barco, meu coração não agüenta”, “O barco, noite no céu tão bonito/Sorriso solto, perdido” – e um emaranhado de símbolos mitológico-históricos, que nos fazem mergulhar a fundo no universo ufanista de Portugal.

Caetano Veloso, para nomear a sua canção *Os Argonautas*, recorreu expressamente à mitologia grega, já que os argonautas eram os tripulantes da nau Argos.

Em uma breve síntese, Jasão, atingindo à maioridade, voltou para Iolcos, a sua pátria na Tessália (Grécia), a fim de reivindicar ao Rei Pélias, seu tio, a devolução do trono outrora usurpado do pai dele. Pélias concordou em transmitir-lhe as dignidades reais desde que Jasão aceitasse um desafio: trazer do Cáucaso o toção de ouro para ofertá-lo ao templo de Zeus. O toção era uma lã dourada, tosquiada de um carneiro divino, que estava em mãos do Rei Aetes, na longínqua Cólquis, na extremidade oriental do Ponto (atual Mar Negro). Jasão aceitou o repto e mandou que os arautos saíssem pela Grécia a convocar alguns valentes para acompanhá-lo na perigosa missão. Ao saberem da incrível façanha que se anunciava, 50 heróis se apresentaram na praia de Pégasas. Ali, Argos, o mestre-carpinteiro, dava formas ao barco mágico. Desde então, os marinheiros da nau Argos foram chamados de argonautas (SCHILLING, 2007). No ano de 1572 a nau Argos reaparece em *Os Lusíadas*. O Gigante Adamastor, figura mitológica criada por Camões, representava os perigos – tempestades, naufrágios, redemoinhos – que os navegadores da nau Argos enfrentaram ao passarem pelo Cabo das Tormentas. O Canto V relata que Vasco da Gama combateu o próprio medo enfrentando o Gigante. A obra *Mensagem* de Fernando Pessoa além de dialogar com *Os Lusíadas* por meio da temática, do conteúdo e da nacionalidade, também desloca dele o Gigante Adamastor na figura de Monstrengo. Desse modo, por intermédio de um processo interdiscursivo, Caetano faz alusão aos “Navegadores antigos” mencionados na nota de Pessoa, incorporando ao hipertexto a figura do navegador para servir de contexto ao entendimento do sentido de sua composição (FIORIN, 2003, p. 34).

Além desses elementos acrescidos, nota-se que as estrofes da canção refletem um fado melancólico em tom menor, entretanto o refrão é cantado em tom maior ascendente e triunfante. Ao recorrermos ao hipotexto, nos damos conta da inexistência da melancolia.

Em uma determinada leitura, verificamos que, na primeira estrofe da canção, o coração do sujeito poético além de não agüentar “tanta tormenta”, também não se contenta, demonstrando certa nostalgia. Mas, ao aproximar-se do porto, seu coração não o quer e o nega com a palavra “não”, cantando o refrão em tom eufórico.

Já na segunda estrofe, o tom melancólico volta à tona. O navegador revela que o “barco”, com formato de “sorriso”, percorre o mar perdidamente no “horizonte” e na “madrugada”, onde é possível observar “o riso, o arco da madrugada”. Em contrapartida, no “porto” tem-se o “nada”. Assim, novamente, canta o refrão em tom diferenciado do que canta a estrofe, como uma espécie de repúdio ao porto.

Ao revelar, na terceira e última estrofe, que o barco é um “automóvel brilhante” sem “trilho” certo para seguir e com um “barulho” próprio, o verso seguinte, “Do meu dente em tua veia”, e a palavra “sangue” trazem à nossa memória a idéia de vampirismo, que ganha força ao retornarmos à primeira estrofe, onde percebemos o seguinte verso: “O dia, o marco, meu coração”. O “dia” refere-se ao temor do vampiro a luz do sol, já as palavras “marco” e “coração” podem representar a morte pela estaca fincada no peito, sendo o coração o sinal da demarcação. Assim como o vampiro *precisa* do “sangue” para sobreviver, o navegador *precisa* navegar, pois esse ato é o sangue que o alimenta para viver, então nega o porto com total veemência. “O charco, barulho lento” são escolhas lexicais que nos levam a imaginar o barco aproximando-se do porto silencioso, para tanto, como um ato de negação a ele, entoa novamente o refrão em tom maior e com sotaque português.

A letra da canção *Os Argonautas*, fortemente vivificada pelas notas musicais que reproduzem o fado, e o sotaque típico português do refrão nos desloca ao mar percorrido pelos navegadores lusos e nos remete ao passado áureo das grandes navegações de Portugal. Caetano Veloso transporta uma realidade distinta da sua vida real, não reportando na canção a sua experiência pessoal, diferentemente de Pessoa que se desvela sob a forma do eu poético em *Palavras de Pórtico*.

Podemos verificar, dessa maneira, uma inversão temática, em que Caetano não falará sobre a sua dedicação pela música e pela composição, como bem faz Fernando Pessoa ao retratar sua vocação à arte da criação literária, mas fará reverência aos navegadores que se entregaram, de corpo e alma, à navegação.

Ao analisarmos o hipertexto, deparamo-nos com um navegador luso, que ao velejar canta um fado, expressando o seu sentir, pois, utiliza, na primeira estrofe, três vezes a palavra coração. Este coração, por sua vez, não agüenta as tormentas e as suas alegrias são incapazes de contentá-lo. Entretanto, não quer o porto, o repudia, colocando acima de todas as coisas, independentemente de seus sentimentos, o ato de navegar em nome de um ideal: a soberania portuguesa. Por essa razão não quer o porto silencioso, quer se deixar levar pelo mar. À luz dessa perspectiva, o hipertexto desloca o mesmo intento de engrandecimento da pátria e contribuição para a evolução da humanidade, como um “*propósito impessoal*” demonstrado no quinto parágrafo do texto-matriz. Há, portanto, uma interdiscursividade por citação, pelo fato de o hipertexto repetir o mesmo percurso temático, construindo uma relação contratual, uma adesão ao enunciado pessoano (FIORIN, 2003, p.32).

Como contraponto a essa relação contratual, percebemos que a obra de Caetano possui uma multiplicidade de significação. Os *Argonautas* reflete a trajetória do *ser*, diferentemente de *Palavras de Pórtico* que aborda a trajetória do *querer-fazer* para *ser*. Diante dessa premissa, observamos que no hipotexto o eu poético *quer* para ele o “espírito” da frase: “Navegar é preciso; viver não é preciso”, a fim de tornar a sua vida “grande”, pois *quer* fazê-la “de toda a humanidade”, pretendendo “engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade”. O poetar é o seu navegar, é o seu modo de fazer com que toda a gratuidade de sua vida se torne necessária. Assim sendo, há uma relação contratual entre a frase expressa por Pompeu e a expressa por Pessoa, afinal, da mesma forma que os navegadores arriscaram as suas vidas para servir o interesse da sua pátria, o eu poético quer doar-se por meio de um “propósito impessoal”, uma vez que *a essência anímica do seu sangue* herdou dos navegadores e descobridores lusos a avidez do enobrecimento de Portugal. Em contraposição, o navegador da canção *é* o espírito da frase aclamada por Pessoa, *é* quem vivencia e participa fielmente do projeto de enobrecimento patriótico, doando-se integralmente ao mar e repudiando o porto.

Partindo desse prisma, verificamos uma tensão, uma relação polêmica, pois o discurso de Caetano constrói-se sobre o princípio de antítese, visto que as concepções de mundo dos enunciados em análise alicerçam-se na divergência, na inversão. Destarte, conforme os ensinamentos de Bakhtin, o hipertexto parodia o texto matriz, pelo fato de a segunda voz, após ter-se alojado na outra fala, “entrar em antagonismo com a voz original que a recebeu, forçando-a a servir a fins diretamente opostos” (SANT’ANNA, 1999, p.14). Por sua vez, a relação de sentido do poema parodiante é contrária ao parodiado.

Conforme Cano (2004, p. 85), Linda Hutcheon, em *Uma Teoria da Paródia*, atribui novos elementos à concepção de paródia, afastando-se da idéia de ela ser um recurso estilístico que deforma e ridiculariza o discurso com quem dialoga. A autora cita o duplo potencial da paródia para a subversão e para a homenagem. Encontramos, na tensão mencionada acima, uma tendência à homenagem, pois Caetano Veloso ao desvelar a trajetória do *ser* em oposição à trajetória do *querer-fazer* não desperta o riso zombeteiro, mas sim o prazer interior do leitor de apreender as diferenças existentes entre essas duas obras. De acordo com Hutcheon, “o prazer da paródia não provém do humor em particular, mas do grau de empenho do leitor no “vai-vém” intertextual” (1989, p. 48 *apud* Cano, p. 86).

Além da questão abordada sobre as distintas trajetórias dos sujeitos poéticos, ao levarmos em consideração a palavra “preciso”, expressa na frase “Navegar é preciso, viver não é preciso”, e a relacionarmos com fatos históricos, constataremos que ela é um desencadeador de isotopia.

Direcionando-nos aos idos de 1400, a gana de os navegadores lusos encontrarem os caminhos para as Índias em busca de especiarias era existencial, portanto, era crucial desbravar mares a fim de descobrir novas rotas. O Infante D. Henrique, observando a necessidade de planejar, com maior eficácia, o empreendimento marítimo-mercantil, se fixa em Sagres, na Vila do Infante, e reúne os melhores astrônomos, matemáticos, cartógrafos, construtores de navios e navegadores, como Vasco da Gama, Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, fundando a Escola de Sagres. Portugal investiu no desenvolvimento de tecnologia náutica e de instrumentos para facilitar a navegação em mar aberto, bem como na formação de mestres de navegação. Assim, em outra perspectiva de significação, Caetano, ao mencionar “Navegar é preciso, viver não é preciso”, faz uma inversão à idéia de necessidade mencionada por Pessoa, propondo uma nova leitura acerca da exatidão, em

que navegar é uma espécie de ciência exata, diferentemente da imprecisão da vida, possibilitando-nos decodificar uma sutil ironia. Contudo, ao verificarmos na canção a negação ao porto, podemos intuir uma espécie de fuga intencional, por parte do eu poético, aos “perigos” da vida. Dessa forma, encontramos outra relação polêmica, uma divergência à concepção de mundo proposta por Pessoa, pois, como bem elucidada Fiorin (2003, p.33), as mesmas palavras podem estar presentes nos dois, mas, com as mesmas palavras, os dois enunciados não falam da mesma coisa. Caetano utiliza-se da intertextualidade por citação não para reproduzir o sentido incorporado, mas sim para transformá-lo.

Bakhtin coloca a paródia ao lado da estilização e do *skaz*, pois, apesar das diferenças substanciais, apresentam traços comuns, permitindo reconhecer explicitamente semelhança com aquilo que negam e a percepção de que a palavra tem duplo sentido (FÁVERO, 2003, p. 53).

Parafraseando Cano (2004, p. 88), o riso abordado pelo teórico russo em seus estudos sobre a paródia, deve ser interpretado como o prazer produzido ao leitor que, obrigado a ativar processos cognitivos capaz de levá-lo a interagir profundamente com o texto, descobre um universo maior que a realidade imediata da obra. Na paródia a fusão de vozes é impossível e se fazem ouvir numa leitura dialógica. Caetano, após absorver a obra de Pessoa, a repele, recriando-a em um modelo próprio.

CONCLUSÃO

O estudo apresentado procurou revelar as relações dialógicas entre o poema de Fernando Pessoa, *Palavras de Pórtico*, e a canção de Caetano Veloso, *Os Argonautas*, valendo-se da teoria bakhtiniana.

Caetano Veloso homenageia Fernando Pessoa, por meio de uma ironia sutil, elaborando uma leitura dual da frase “*Navegar é preciso, viver não é preciso*”.

A concepção de mundo de *Palavras de Pórtico* baseia-se no desejo crescente do eu lírico entregar-se à arte poética em prol da Pátria, uma vez que nessa nota em análise temos uma significativa síntese da personalidade poética do autor e de sua intencionalidade maior que o moveu para a construção de sua obra.

Em oposição, a canção *Os Argonautas* retoma “o misticismo” da “Raça” portuguesa mencionado por Pessoa, por meio de elementos interligados à mitologia, que fazem parte do contexto de Portugal, não de forma contratual, mas sim polêmica, visto que as consoanâncias assentam-se sobre uma tensão divergente. Caetano, ao recuperar os “heróis” portugueses, constrói a paródia como um vetor para desmistificá-los e mostrá-los “humanizados” e temerosos de enfrentar o “Gigante Adamastor” da vida real, imprecisa e incerta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adris André et al. *A adamastórica nau dos argonautas: nereidas nadam ao redor*. Disponível em: <http://www.unoescxxe.edu.br/unoesc/publicacoes/revistaonlineprojetolettrasArtigos/Letras/adamastorica.pdf>. Acesso em: 23/10/07.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo, Hucitec: Universidade de Brasília, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BELLE, Edgar. Um olhar intertextual em: “Navegar é preciso, viver não é preciso”. *Caderno de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v.3, n.1, p.91-103, 2004.

CANO, José Ricardo. O riso sério: um estudo sobre a paródia. *Caderno de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v.3, n.1, p.83-89, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes. Paródia e Dialogismo. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

FIORIN, José Luiz. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paula: Ática, 2006.

LOPONDO, Lílian (Org.). *Dialogia na literatura portuguesa*. São Paulo: Scortecci, 2006.

MORENO, Cláudio. *Navegar é preciso*. 2007. Disponível em: http://www.sualingua.com.br/01/01_navegar.htm. Acesso em: 19/10/07.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

SANT’ANNA, Affonso Romano. *Paródia, Paráfrase & Cia*. 7.ed. São Paulo: Ática, 1999.

SCHILLING, Voltaire. *Viajantes Míticos*. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/viajantes1.htm>. Acesso em: 23/10/07.

VELOSO, Caetano. *Os Argonautas*. Disponível em: <http://www.caetanoveloso.com.br/sec>

[_busca_obra.php?language=pt_BR&page=1&id=155&f_busca=argonautas>](#). Acesso em: 19/10/07.